

Aumentando a Independência nos Transtornos do Espectro Autista: Uma Revisão de Três Intervenções Focadas

Increasing Independence in Autism Spectrum Disorders: A Review of Three Focused Interventions

Journal of Autism and Developmental Disorders, Publicado online, 2009

Kara Hume
Rachel Loftin
Johanna Lantz

Resumo e Comentário por Mariana Serrajordia Lopes e Rebeca Costa e Silva

Apesar da tríade de comprometimentos interação social, comunicação e imaginação encontrados nos Transtornos do Espectro Autista (TEA) muitas pessoas com autismo conseguem adquirir diversas habilidades. No entanto, percebe-se um problema quando é esperado que eles desempenhem essas habilidades independentemente ou em um contexto profissional.

Em um primeiro momento, para adquirir essas habilidades, pessoas com TEA contam com o apoio ou a supervisão de um adulto enquanto o indivíduo aprende e/ou desempenha as mesmas. Porém, mais tarde percebe-se que muitas destas pessoas dependem da presença do adulto para manter o engajamento na atividade e para generalizar a habilidade aprendida. Ao remover o adulto-apoio ou supervisor, percebe-se uma diminuição no engajamento e na produtividade.

Essa dependência fica muito notável na vida adulta, ou seja, muitos adultos com TEA, desde aqueles com nível grave de autismo até aqueles com alto nível de funcionamento ou Síndrome de Asperger, se e quando trabalham ou moram fora da casa dos pais apresentam algum tipo de dependência em relação a um agente de apoio ou de supervisão.

Embora comprometimentos significativos no funcionamento cognitivo e comprometimentos nas habilidades sociais ou de comunicação certamente contribuam para o desenlace da vida de indivíduos com TEA, é provável que outros fatores, como desempenho independente limitado e uma dependência excessiva das dicas e respostas do cuidador também contribuam significativamente.

Também no contexto acadêmico, uma pesquisa realizada com mais de 700 alunos com algum comprometimento (incluindo TEA) que dispunham de uma equipe especializada em escolas estadunidenses, mostrou que 86% dos alunos passam o seu dia com um adulto a menos de 1,5 m de distância. Embora a presença temporária de paraprofissionais trabalhando junto ao aluno ajude a promoção de sua independência, a presença excessiva dos mesmos, como muitas pesquisas têm demonstrado, pode ser prejudicial.

Características do Autismo que Dificultam a Independência

Há vários fatores que dificultam a independência das pessoas com TEA. Além dos comprometimentos sociais e da comunicação e dos interesses e comportamentos restritos, que são característicos desse transtorno, há também comprometimentos na **atenção compartilhada** e na **imitação** que limitam a capacidade do indivíduo observar os outros para aprender, sendo assim habilidades necessárias para viver com independência.

Comprometimentos na **Função Executiva** habilidade no planejamento de estratégias de resolução de problemas para a execução de metassão observados nas pessoas com TEA ao lidarem com novas situações e processarem informações complexas, mas são justamente esses aspectos que compõem em boa parte o viver independente?

Temos ainda outros aspectos que dificultam esse processo de independência:

- Iniciação: pode ser bem difícil para pessoas com TEA iniciarem uma interação social, uma tarefa doméstica ou uma lição de casa. Alguns aspectos da iniciação como, planejamento, velocidade de processamento, atenção a estímulos relevantes no ambiente, motivação, expectativas incertas (para o indivíduo com TEA) apresentam dificuldades para as pessoas com TEA, que podem, por exemplo, não pedir ajuda para outra pessoa quando estão com alguma dificuldade ou algum problema.
- Generalização: Dificuldade na capacidade de um indivíduo desempenhar habilidades em diversos contextos, também afeta a independência. Mesmo que as pessoas com TEA consigam dominar a fundo uma habilidade ou rotina em um lugar específico, com um determinado profissional ou com um material específico, a generalização de tal habilidade pode ser limitada. Complicações na generalização se apresentam por diversos motivos, tais como, pouca flexibilidade, dificuldade em relacionar novos estímulos com experiências passadas e pouca ou nenhuma resposta a dicas (visuais ou físicas, por exemplo).
- Dependência de Dicas: Muitos alunos com TEA precisam de instruções individuais e também uma constante incitação por parte do adulto (pais, paraprofissionais ou educadores) ao apresentar as tarefas e os materiais necessários para sua realização, as instruções, bem como o reforçamento positivo. E isso se instala logo no início do processo de aprendizagem em que o adulto tem bastante controle sobre o ambiente de aprendizado e o aluno com TEA também, e esse controle acaba fortalecendo uma relação de dependência entre o aluno com TEA, o fazer a atividade (nesse caso) e a presença de um adulto fornecendo dicas. Essa relação de dependência acaba se estendendo para outros contextos dos quais a pessoa com TEA faz e fará parte, e, por sua vez dificultam a manutenção e generalização do comportamento aprendido.

Intervenções para Aumentar a Independência

Algumas das intervenções mais bem sucedidas que enfocam o aumento de independência de habilidades enfatizam a mudança no controle do estímulo através do gerenciamento por adultos (apoio da equipe de profissionais, por exemplo) durante instrução para um estímulo alternativo. O estímulo alternativo por sua vez fornece dicas e informações relacionadas ao que é esperado de tarefas acadêmicas, comportamento e/ou habilidades sociais. Essa mudança de controle de estímulo é crucial para o aumento da independência de alunos com TEA em diversos contextos.

Intervenções com Automonitoramento

Intervenções de autogestão vêm demonstrando eficácia para aumentar a independência de indivíduos com TEA. Diversos elementos podem compô-la: autoavaliação, autoinstrução, autorreforçamento e automonitoramento, no entanto vamos nos deter no último elemento. Nas intervenções com automonitoramento o indivíduo com TEA *é ensinado a discriminar e registrar a ocorrência ou não de um comportamento específico*. Esse procedimento aumenta a independência de tais indivíduos, pois eles se tornam *agentes da intervenção* ao invés do educador ou outro adulto. *Podem-se estruturar as intervenções com automonitoramento para aumentar a incidência de um comportamento desejado ou diminuir a incidência de um comportamento-problema.*

Intervenções com Modelação com Vídeo

Essa intervenção pode ser utilizada para ensinar habilidades usando o mínimo de dicas e interação com adultos. Primeiro o interventor escolhe quais as habilidades a serem focadas, que a pessoa com TEA precisa aprender. Depois, um modelo desempenha a habilidade focada enquanto é gravado. Profissionais ou outras pessoas na mesma faixa etária podem ser modelos, ou mesmo a própria pessoa com TEA (automodelação com vídeo nesse caso a pessoa com TEA é gravada enquanto

desempenha habilidades ou papéis em um cenário ou no contexto natural, e, depois, as dicas e instruções podem ser editadas para que não apareçam no vídeo, de forma que na gravação em si, apareça só a pessoa com TEA desempenhando a habilidade independentemente). Quando os vídeos estiverem prontos, a pessoa com autismo pode assisti-los sozinha e quantas vezes forem necessárias para que ela adquira a habilidade. Após ter feito isso, ela tem a oportunidade de imitar a habilidade observada no vídeo em contextos cotidianos.

Áreas de Trabalho Independente

As áreas de trabalho independente são um elemento de ensino estruturado desenvolvido pelo método TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped CHildren? Tratamento e educação para crianças com autismo e com distúrbios correlatos da comunicação*) que enfatiza dicas e apoio visual e tem como objetivo aumentar e maximizar o funcionamento independente e reduzir a corrente necessidade de correção e apoio do educador. A área de trabalho independente pode ser definida como um espaço visualmente organizado onde alunos praticam habilidades que foram previamente dominadas independentemente sob supervisão direta de um adulto. Uma área de trabalho visualmente comunica ao menos quatro informações básicas ao aluno:

- 1. As tarefas que o aluno tem de realizar;*
- 2. Quantas atividades precisam ser realizadas;*
- 3. Como o aluno saberá quando ele tiver terminado (o progresso em relação ao objetivo); e*
- 4. O que fazer quando ele tiver terminado.*

Percebe-se nessa estruturação a possibilidade de alternar o controle de estímulo entre o educador e o apoio visual, uma condição melhor para manutenção e generalização de habilidades adquiridas e, portanto, aumentando a independência do aluno com TEA.

Conclusão

O diagnóstico com algum TEA não é raro, e conforme as pessoas com TEA crescem, é muito importante se pensar em projetos de vida com independência para elas. Embora, muitas intervenções se preocupem com a aquisição de habilidades, menos intervenções consideram a necessidade de aquisição dessas habilidades com independência ou se ou quando consideram esse aspecto propõem que seja implantando quando as crianças com TEA já estão mais velhas, e aí os padrões de aprendizado já sofreram certa consolidação. É evidente que há problemas cognitivos associados aos TEA, porém podem ser exacerbados por uma dependência excessiva do aluno com TEA em relação aos adultos (equipe profissional, por exemplo) e essa situação pode ser melhorada através de uma alternância entre o controle de estímulo pelos adultos e o controle que o próprio aluno pode exercer sobre estímulos alternativos, que é um aspecto em comum das três intervenções apresentadas. Por fim, é interessante lembrar que embora tenha se falado frequentemente em independência em contextos acadêmicos, essas intervenções podem ser estendidas a outros contextos da vida das pessoas com TEA, ainda que esse processo se inicie em um contexto acadêmico.